

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 13500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEZ SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMBER, 7.

AVEIRO

DESCENTRALISACÃO

O ultimó caso da alfandega de Lisboa não é novo. Todos os dias estão apparecendo d'esses exemplos de incuria e peita do governo ou dos seus funcionarios. Gastam-se milhares de contos com o exercito e o exercito quando tem de prestar algum serviço importante apparece-nos anarchico e desordenado por todos os lados. Dispendem-se quantias avultadas com a marinha, e a marinha definha dia a dia. Empregam-se rios de dinheiro em construcções luxuosas que se nos mostram d'ahi a dois dias arruinadas. Porque é isto, porque se repetem tanto estes factos lamentaveis? Porque todos são ladrões? Não; o negocio é mais de desleixo, de preguiça, de ignorancia do que de ladroeria; a questão é mais de principios do que de homens. Ha de sempre acontecer isso emquanto o Estado fór o tutor indispensavel das sociedades, emquanto permanecer uma especie de Deus machina para a vida dos povos.

Roubou-se na alfandega? Houve alli um erro importante de escripturação ou qualquer defeito d'um pessimo systema de expediente? Não sabemos, nem somos nós que podemos averiguar a verdade. E' muito possivel, muitissimo provavel que se tenha procurado, n'esse caso que os jornaes tanto debatem, defraudar a chamada fazenda nacional, tantas vezes defraudada com intenção criminosa n'aquelle desgraçado estabelecimento: O escandalo chegou n'esse ponto ao ultimo grau de abjecção e cynismo. Citam-se abertamente em Lisboa os nomes de capitalistas famosos que fizeram as suas grandes fortunas á custa de direitos roubados, assim como os dos funcionarios que os auxiliaram na tarefa e que foram portanto os primeiros criminosos. N'este instante mesmo se relata poucas vergonhas sem nome, que se estão para praticar ou praticando na alfandega. Tudo leva, pois, a crer que seja verdadeira a denuncia do aspirante Honorato. Entretanto, dada a rotina

e a centralisação que prendem á administração portugueza, não seria de admirar que os factos apontados fossem em grande parte nascidos mais da desordem em que anda tudo isto, que do crime reservado e pensado. Repetimos:—não é possivel que sejam ladrões todos os nossos funcionarios publicos. Mas a verdade é que a fazenda nacional está sendo prejudicada em todos os ramos da actividade official. Logo a questão não é de homens, é principalmente de principios.

Pasma-se do homem que tem pujança para administrar a sua fortuna particular, quando ella é grande e complexa. E ao mesmo tempo pasma-se do governo não saber administrar a fortuna difficilissima que lhe pozeram nas mãos! Grita-se contra o numero dos empregados publicos, que é enorme, que é absorvente, que é sufocante. E ao mesmo tempo pede-se que o governo dirija tudo quanto ha, que tome conta dos canjinhos de ferro, que lance mão d'isto, que lance mão d'aquillo! Veem Ripperts, veem americanos, veem elevadores. Os conductores de praça que se sentem repellidos pela concorrência vão empregar a sua capacidade n'outro ramo de vida. Mas se o Estado quer reformar os correios e telegraphos, ou outra qualquer repartição, ou outro qualquer instituto, aqui d'el-rei a favor dos empregados inuteis que ficam sem pão. Ora com esse centralismo, com essa idéa de que o Estado é o arbitro supremo dos povos, não ha systema possivel de administração.

Ponham um homem a tratar de negocios illimitados e varios. Ha de errar a cada passo, ainda que seja um genio. Pois o que se dá com a individualidade é o que se dá com a collectividade e o que nos mata a nós é não saber-mos tirar inducções nem deducções e perdermos um tempo precioso em berrarias politicas e declamações de partidos.

O despotismo enfraquece o individuo, restringe-lhe as aptidões, tira-lhe o estímulo e a vontade do trabalho. O centralismo do governo é o primeiro elemento do desleixo do funcionario, que se vê encerrado em formulas ridiculas e velhas sem expansão para o seu talento nem consideração pela

sua responsabilidade. Atribuir ao governo todos os bens e todos os males que nos possam succeder, é abdicar da independencia propria. Os que depositaram a sua fortuna inteira na casa Moura Borges tem razão para a increpar pelo desastre que sobreveio? Não, foram elles que se consideraram interdictos a si proprios declarando-se incapazes de administrar o que era seu. O desastre foi uma consequência natural da sua incapacidade!

E' o que se dá entre o Estado e o povo. Emquanto o povo abdicar, emquanto o Estado for o seu tutor nato, com poderes discretionarios, este, esbarrando na difficuldade e complexidade da tutoria, ha de arvorar necessariamente a anarchia como norma geral da administração publica. Descentralisem, dividam os encargos, separem as aptidões, dêem poderes mais geraes e mais amplos ás communas, aos districtos, ás instituições, aos grandes estabelecimentos nacionaes e terão dado um grande passo no caminho da economia e da ordem. Mas emquanto persistirem em pôr de parte os principios da sciencia, em esperar tudo dos homens e dos velhos systemas, podem fazer na imprensa e na tribuna a gritaria que quizerem, que nem por isso deixará de ficar tudo na mesma.

BRAGA E GUIMARÃES

O conhecido conflicto que se levantou entre Braga e Guimarães tem servido de pretexto para uma das mais torpes especulações politicas, que temos visto nos ultimos tempos. Os politicos de Braga, os seus deputados, os seus capitães mórtes, os seus influentes, que nunca se importaram com os interesses e as necessidades da sua terra, d'outra forma não se teriam acorrentado ás poucas vergonhas regeneradoras e ás poucas vergonhas progressistas que mesmo consideradas no geral não são o melhor meio de engrandecer esta ou aquella localidade que tem de seguir os destinos do paiz, desataram a berrar pela terra dos padres, unicamente pelo receio de cada um d'elles perder o prestigio sobre a *besta* popular. Como

querem continuar no cynismo em que tem vivido, e como a *besta* agora ameaça escouceal-os, sahiram com um patriotismo capaz de enternecer o mais rebelde.

Isto é o que se dá com Braga. Com Guimarães dá-se a mesmíssima cousa.

Em Lisboa generalisa-se a especulação. Os granjolas pucham para onde mais lhe convem; os regeneradores procedem no mesmo intuito. No fundo nenhum d'elles toma a serio a questão, nem a sabe resolver.

Entretanto o mais indigno de tudo é o procedimento do governo, que apoiou a separação de Guimarães para agora declarar que ainda não tomou uma resolução definitiva. E' proprio d'essa sucia sem pudor que está no ministerio! Não ha nada que não engula, comtanto que lhe mettam medo.

Como a base da questão está na muita ignorancia das duas cidades, e só por essa ignorancia se explicam os despeitos e amnos que as separam, como ainda não se ventilou para ahi um unico principio que elevasse a contenda do soalheiro e questiunculas de senhora visinha em que está, ao campo elevado da politica moderna, limitamo-nos, como membros d'uma instituição respeitavel, a desejar que tudo se resolvesse em santa paz e alegria. Só recebemos pela tranquillidade publica. O resto, francamente, não vale a pena de nos incommodarmos.

O CORDÃO SANITARIO

Para que a imprensa se eleve no conceito publico e cumpra a sua missão verdadeiramente civilisadora, é necessario que permaneça sempre a sentinella vigilante das necessidades publicas, que se guie por um intuito elevado, que desça ao fundo das questões para saber elucidar pela doutrina orientada ou destruir o abuso e o erro pela demonstração exacta da verdade. Se algum dos jornaes abastados de Lisboa houvesse mandado um dos seus redactores á fronteira estudar o cordão sanitario, á maneira do que praticam em circumstancias identicas os grandes jornaes es-

trangeiros, teria talvez evitado que se gastassem para ahi centenas de contos d'uma maneira estapafurdia com grave prejuizo da saúde do soldado portuguez e sem utilidade provada para o paiz, lançando a luz sobre a maneira porque o governo de sua magestade poz em pratica essa medida de prevenção anti-choleric. Muito pode a imprensa, quando pela sensatez da critica e a elevação dos principios consegue impressionar o publico!

Já n'outro dia nos referimos aqui explicitamente ás toleimas hygienicas do ministerio da regeneração. Continuaremos hoje n'esse caminho, com o mesmo conhecimento de causa.

Como demonstrámos n'um dos ultimos numeros, o cordão sanitario está longe, mui longe de corresponder ao seu fim. Para arredondar a demonstração, falta descrever umas certas particularidades e uns certos incidentes picarescos. Elles ahi vão singelos e simples.

O fim do cordão era, está claro, não consentir a passagem de nenhum individuo de Hespanha para cá, ou conduzir aos lazaretos aquellos que por ventura houvessem atravessado a linha e fossem apanhados em territorio portuguez. Ora para que isto fosse efficaç e real, era preciso que os lazaretos se achassem bem distribuidos na fronteira, ou pelo menos umas certas casas de observação e isolamento. Pois na extensa linha que vae desde Villa Real de Santo Antonio até Elvas não ha um só d'esses postos ou casas! De maneira que quem atravessar alli a fronteira, ou tem de percorrer a distancia enorme que vae, por exemplo, da Amaraljeira a esses pontos extremos, para entrar nos lazaretos, deixando pelo caminho quantos microbios trouxer, ou tem de se deixar ir em paz. Como este expediente é o mais facil, como o outro é de um incommodo diabolico por diabolicos caminhos, é aquelle que as nossas autoridades usam geralmente!

Ha ordens terminantes para deter o contrabando. Mas como n'aquelle mesmíssima linha não ha uma unica barraca apropriada a recebê-lo, como os postos da alfandega o não querem aceitar por vir *infectado*, segue-se o systema de o queimar, systema prejudicial á fazenda, é de ver,

FOLHETIM

A POLITICA MONARCHICA

DA

FRANÇA REPUBLICANA

A POLITICA EXTERIOR DA REPUBLICA FRANCEZA

(CONCLUSÃO)

A França não tem necessidade, para conservar a Cochinchina, de possuir Gibraltar, Malta, o Egypto, ou de se envol-

ver em questões com os russos, os novos invasores da Asia; mais agricola do que industrial, não tem lá fora as responsabilidades que tem a Inglaterra e não tem por consequência as mesmas obrigações; potencia continental, pode receber pela integridade do seu territorio, mas a perda d'uma provincia nunca fará correr ao resto do paiz os riscos de ruina que a Inglaterra correria com o menor golpe na sua marinha ou nas suas colonias. As considerações que movem a França não são de tamanha necessidade immediata, que não possa, haver duvida alguma na conduca a seguir. D'ahi os nossos embarços, a nossa indecisão, os incommodos que soffremos, os erros que no fim de contas autorisamos, por mais que nos opponham os palavrões de «patriotismo», «honra» e «interesses francezes». A França teve outr'ora, vis-à-vis dos Estados europeus, uma politica muito simples; comprehen-

dida e adoptada por todos, politica de defeza e de equilibrio, mas que perdeu a sua razão de ser no dia em que desapareceram as circumstancias que a fizeram nascer. Para uma situação nova requerem-se novos processos e novas combinações. Infelizmente não o comprehendemos assim. A falta de ver claro no presente, compozemos uma politica bastarda, incoherente, mistura de reminiscencias do passado e de vagas noções das necessidades do momento, boa para contentar ambições, mas incapaz de resolver difficuldades e de satisfazer interesses. Que é pois de admirar que semelhante politica não tenha nada de nacional, que siga as fluctuações das luctas dos partidos, que cresça ou diminua com as mudanças dos ministros, que não possa ser erigida pelo Parlamento em doutrina d'Estado?

homens dirigentes será illusoria emquanto os principios fizerem falta e não se encajar o conjunto dos factos em harmonia directa com as necessidades reais do paiz.

E será impossivel á França essa unidade de vistas que a Inglaterra possui? A falta de preocupações commerciaes ou colonias em que se inspira a Inglaterra, não pode a França achar, na sua condição presente, as razões determinantes d'uma politica nacional?

II

A França tem republica!

Se a Republica é hoje possivel, não é, como muita gente creê ainda, por resignação ou capricho amante da instabilidade. A Republica veio ao nosso paiz depois de um longo passado historico, cujas aspirações resume; representa um direito novo sahido do progresso das

idéas; traduz uma forma governamental mais perfeita, que corresponde n'aquelles que a adoptam a um nivel intellectual e moral relativamente elevado. Os principios abstractos,—Estado, Religião, Realza,—que tinham outr'ora um grande poder, não tem hoje influencia na massa, que é mais directamente alcançada no seu sangue e na sua raça, nas necessidades mais immediatas da sua existencia, por uma simples deslocação dos interesses economicos. Os Estados constituem-se segundo os desejos dos povos, na conformidade de assimilações legitimas; os dogmas da religião e os privilegios da realza deram o lugar aos principios d'uma moral social que consagra os direitos do individuo, o respeito da sua liberdade, do seu trabalho, da sua dignidade. D'ahi uma modificação completa nas relações entre os Estados.

A politica exterior dos governos

ou então o systema de o deixar ir em paz, que é o systema mais commoço. O mesmo succede em outros pontos da raia. Isto é serio? Tem sequer sombras de seriedade?

Para evitar uma invasão epidemica, entendem o governo que a melhor cousa era fazer do proprio cordão um foco de epidemias, ou de doenças graves pelo menos. Os soldados parecem uns ladrões, uns verdadeiros salteadores da Calabria. Não se lavam ha seis mezes! Não vestem ha trez, ou ha dois, ou ha um que seja, camisa lavada e ninguém sabe já de que cor são os fardamentos que trazem. Dormem em barracas que são no fundo verdadeiras choças de pastor. Como o governo deu um metro de oleado para cobrir cada uma, devendo cada uma conter seis soldados pelo menos e sendo grandes por isso, succede que são penetradas pela chuva não obstante os soldados andarem na azafama constante de as farrarem com as mantas que os deveriam cobrir. E como em varios pontos não ha palha, e como o feno desaparece n'este tempo, dormem os pobres dos homens na terra humida e fria! Como não hão de adoecer e morrer por centenas?

Os jornaes fallam pomposamente de medicos militares que o governo está mandando servir no cordão. Ha dias um d'esses, e distincto, dizia ao auctor d'estas linhas: — Que ia eu fazer aos postos? Requisitei uma ambulancia e responderam-me: — Não temos; tomáramos nós saber onde pára uma que nos falta. — Por conseguinte para saber se um homem tem dores de cabeça não necessario de visitar a linha. O homem quiexa-se ao commandante do posto e o commandante do posto manda-o para o hospital.

Com o serviço de saúde ha muitas partidas magnificas. O quartel general de uma divisão mandou partir o cirurgião ajudante de certo regimento para um districto da linha. Passados dias a sexta repartição do ministerio da guerra anda a perguntar a toda a gente onde parava a referido cirurgião! Outro cirurgião é mandado partir para Coimbra por um telegramma do ministerio da guerra. No dia seguinte, ou no mesmo, a divisão manda-lhe que marche para outra parte! Um outro é encarregado de estabelecer em tal sitio uma determinada enfermaria. Para se desempenhar da missão, escreve a tal respeito um relatório circunstanciado. Oito dias depois, a estancia superior a que enviou o relatório pergunta-lhe o que já vai explicado e declarado no referido relatório! Então isto supporta-se?

Sobre o serviço da administração militar não fallamos. Está tudo cheio de delegados. Servem só para entregar dinheiro aos commandantes de diligencias. Entretanto estes veem-se ás vezes perdidos, sem fundos para satisfazer os seus compromissos, por que alguns dos srs. delegados andam a passear ninguém sabe por onde!

O cordão sanitario poderia ser um importante tirocinio de campanha, uma experiencia notavel de mobilisação. Se o governo, em lugar de andar com miserias de

diligencias para aqui e diligencias para alli, estragando a disciplina e levando dificuldades enormes e irregularidades até á escripturação dos corpos, mandasse guarnecer a fronteira por regimentos inteiros, preparados em campanha, com todos os elementos indispensaveis a este serviço, encarregando os officiaes de ligeiros trabalhos militares compatíveis com o encargo prohibitivo do cordão, teria dado ao exercito proveitosas lições e não prejudicaria a saúde do soldado da maneira repugnante porque a está prejudicando porque lhe daria ao menos as commodidades indispensaveis. Assim gastou o mesmo dinheiro, não impediu a passagem em larga escala, deu cabo da saúde de centenas de soldados, que hão de ficar arruinados para toda a sua vida não contando com os que morrem, e deu uma tristissima ideia do estado do serviço de varios ramos do exercito, serviço a que preside uma anarchia completa.

Cousas nossas e dos homens que nos governam!

Pelo Alemtejo

Ha pouco mais d'um anno visitei demoradamente uma das regiões mais formosas do paiz. Antigos condiscipulos e amigos, que tanto me obsequiaram n'essa occasião, manifestaram o desejo de me ver descrever usos e costumes, typos e paisagens de muitos ignorados. Não o fiz, apesar de ter ahí muito que aprender, porque, com franqueza o declaro, nunca tive geito para pintura de palavras e n'isto de descrições de viagens é necessario andar a gente com o pincel a colorir o vazio das idéas e a ausencia dos factos. Agora voltou o Povo de Aveiro a lembrar-me a conveniencia de lhe entreter o espirito dos leitores com quatro banalidades sobre o meu passeio no Alemtejo. Presisto na minha antiga reluctancia por este genero de escripta. Não sei, ainda que queira! Mas enfim, já que se offereceu a occasião, deixem-me ao menos dizer-lhe duas cousas sobre a terra mais curiosa que tenho visto.

O Alemtejo é demasiadamente conhecido para que se possam dizer sobre elle novidades. Para mim, que já o corri por mais do que uma vez, é antipathico por varios motivos. Basta dizer-lhes que tendo sahido sem almoço de Lisboa ás sete horas da manhã, só consegui almoçar em Serpa ás sete horas da noite! Isto é, morreria de fome se não fosse a generosidade d'um antigo condiscipulo, por acaso meu compaheiro de viagem, que me offereceu um bocado de pão e de chouriço alemtejano com que, mais cauteloso do que eu, se tinha prevenido. Eu ouvia fallar com pompa no entroncamento do Pinhal Novo e da Casa Branca, nomes capazes de abrir só por si o apetite, e julgava de mim para mim, costumado á fartura das estações da linha do norte, encontrar naquelles dois pontos com que aquecer o estomago e alegrar o espirito. Enganei-me! Quando no Pinhal Novo perguntei a um empregado da linha onde se almoçava, o homem riu-se

e apontou-me uma bodega onde nem sequer se vendiam *pãesinhos* com linguica. Tinham-se esgotado! O que no fim de contas foi bom, porque farto de *pãesinhos* vinha eu de Lisboa!

Ora como o estomago é a mola real da humanidade, e como o meu tem sido até hoje tão pouco exigente que se tem limitado a pedir o indispensavel para viver, julgo justificado de mais este lado da minha antipathia por uma provincia em que se pode estar doze horas sem comer. E que comida, quando ella apparece! Quando não ha carne de porco, é chibato ao almoço, chibato ao jantar e chibato á ceia. Quando ha carne de porco, o alimento predilecto d'esta gente, é carne de porco ao almoço, carne de porco ao jantar, carne de porco á ceia. Chouriço assado, ovos com presunto, presunto com ovos e d'aqui não se passa. Isto diariamente! São chibatos e porcos a todas as horas! Que me perdõem os srs. alemtejanos. De alguma forma me hei de vingar dos tormentos por que me tem feito passar.

Mas peor, muito peor do que isso são as viagens atravez d'este deserto. Depois de ter passado por Quintos, que bem me pareceram os Quintos do inferno, appeei-me na estação de Salsa. Mais tarde é que vi que se me demorasse muito n'estas terras era eu que ficava convertido n'um verdadeiro salsa!

Quería ir para Moura e tinham-me dito que me poderia transportar da tal Salsa para esta localidade no carro do correio. Procurei, pois, o carro do correio. Mas qual carro, qual diabo! Eu suppunha que o carro do correio seria uma diligencia, um char-à-banc, qualquer cousa que respirasse progresso. Afinal sahí-me um carrão de duas rodas, com um toldo por cima, como os carros de bois lá do norte em dias de festas, puchado a duas mulas. E com as mesmas commodidades, sem tirar nem pôr, do carrinho de bois! Podia, por conseguinte, ficar toda a noite a procurar o meu carro ideal de correio.

Para cumulo de desgraças, emquanto procurava o carro sonhado, foi-se o outro enchendo e eu fiquei sem lugar. Decidido já a soffrer tudo com resignação, não me prendi com isso e resolvi-me a procurar um qualquer que me levasse por todo o prego a Moura. Havia alli uns poucos, mas nenhum queria ir para Moura. O unico recurso portanto era ir para Serpa, a sete ou oito kilometros d'alli, e seguir no dia immediato ao meu destino. Lá fui, e por signal que não desgostei da villa, que é grande, acceitada, bem disposta. Apesar do chibato e do porco comi menos mal no hotel do Canoilas, que levou a amabilidade ao extremo de me dar um bocado de peixe. E' verdade que me fez sahir caro o negocio! Por jantar, ou almoçar para fallar com verdade, dormir, almoçar no dia seguinte e dar de comer a um creado que me acompanhava, levou-me desesete tostões. Muito haveria que dizer sobre a rapacidade dos alemtejanos!

De manhã consegui então arranjar transporte para Moura. Um carro do feitio dos que já descre-

vi, está claro, capaz de escangalhar os ossos ao padre santo, não obstante a sua divina unção, se o padre santo cabir um dia na tolce de vir ao Alemtejo. Eu nunca vi uns diabos assim. Se nos assentámos é o sacro que se desfaz em saltos continuos a que correspondem pancadadas violentas na madeira do carro; se nos deitámos é a cabeça que se parte; se nos encostámos, são as costellas que se vão! Quer haja colchões, quer não haja! Nada resiste ao choque infernal d'aquelles estafemos. E ahí vou eu na caranguejola por caminhos horribes e assim deu entrada em Moura á laia de emigrado aryano ou semita!

E o que é certo é que tanto devaneei que não disse uma palavra sobre a terra curiosa de que queria fallar. Fica para o numero seguinte.

Y.

Carta de Coimbra

A noticia mais palpitante d'esta semana é o facto carola da missa resada e o *libera-me* para suffragar a alma de sr. D. Fernando, o rei-artista, protector in nomine da Associação dos Artistas de Coimbra.

Segundo o programma da festa apparecerão a este acto ás pessoas mais lavadas da terra, nas quaes se incluem as autoridades civis e religiosas. O regimento 23 irá tambem n'uma reverencia marcial lançar duas lagrimas á memoria do seu rei, e a banda executará com esmero aquelles esplendidos trechos que embasbam a amador da boa musica. Foi o melhor *réclame*, que o finório presidente da Associação dos Artistas poderia arranjar, para chamar ao historico templo de Santa Cruz grande numero de *fieis catholicos*. Imagine-se o que não será esta festa de lucto que mais pareça de regosijo.

Mas isto é inaudito, baixo e servil, e parece incrivel que uma associação de operarios consinta semelhante bajulação que toca a meta de ridicula.

Poderemos nós respeitar as boas intenções dos corpos gerentes d'esta sociedade, desejando enviar para o reino do céu o seu protector, quando este no testamento não deixou um pataco para missas resadas ou cantadas por sua alma? Será esta demonstração funebre, que tresanda a carolismo, um premio aos merecimentos d'um *protector extremo*, como era o sr. D. Fernando? Nem uma nem outra cousa. O que mais significa esta demonstração serodia á memoria d'um rei é a bajulação rasteira a que se sujeitou a maioria do conselho, por proposta de quem talvez aspire a uma comenda ou habito de Christo. Nem mais nem menos.

E nem se explica a cousa da missa d'outra forma; a questão é d'uma venera ou d'uma fitinha para a lapella da casaca.

Pois então uma associação, como a dos Artistas de Coimbra, que tem aproximadamente 300 socios, com opiniões diversas, e é meia duzia de individuos que resolve mandar dizer missa em nome d'essa sociedade, sem o seu consentimento, e sem ser ouvida sobre tal assumpto? Pois não so-

rá isto uma emboscada vergonhosa aos direitos dos associados? Não será ainda um atrevimento sabujo o dispôr com a maior franqueza do nome d'uma collctividade para qualquer cousa quando a ella se não dirigiram pedindo-lhe o seu parecer?

Neste caso o procedimento do conselho da Associação dos Artistas é deveras condemnavel e merece severa censura. Não se dispõe assim sem mais nem menos da vontade de centenas de cidadãos que são explorados pela realisa e por quem o conselho deseja que os seus consocios vertam copioso pranto, quando esse homem sacrificava a nação com 400 contos de réis por anno!!! E' demais.

E em quanto com o nome da Associação dos Artistas se lambe os pés á realisa, em quanto os corpos gerentes d'essa sociedade se curvam em zumbaias deante dos reaes *protectores*, deixa passar totalmente desapercibido o anniversario do fallecimento do seu fundador, limitando-se tão somente—creio eu— a lançar um livro das actas um voto de sentimento!

Que esplendido confronto! —Na quarta feira abateu uma pequena abobada nas obras da penitenciaría districtal, ficando feridos os operarios Antonio Domingos, de 18 annos e José Abrantes, de 14. Estes infelizes deram immediatamente entrada no hospital, receiando-se muito pela vida do primeiro.

—O sr. Visconde d'Almeidinha, o arruinado fidalgo, demittiu-se do cargo de governador civil de Coimbra, depois de pagar as suas dividas á fazenda e ao municipio. Foi um bom serviço que prestou e que a cidade agradeceu. Para o seu logar foi nomeado o sr. Sotto Maior, thesoureiro pagador d'este districto e governador civil de Vianna do Castello.

Esta nomeação é mais um abuso praticado pelo governo, pois que este funcionario segundo a lei não pode accumular estes importantes cargos.

Moralidade regeneradora. —Na madrugada de quarta feira foi roubado d'uma casa da rua dos Esteireiros, pertencente ao sr. José Magrinho, algum dinheiro que alli deixára guardado.

Foram presos dois individuos em quem recaem suspeitas do roubo, dando entrada na quarta feira no commissariado de policia.

O mobil d'este crime, segundo se diz foi o vicio da batota e o comportamento pouco exemplar d'estes rapazes, muito frequentadores da batota.

Para o numero seguinte fallarei mais detidamente acerca do jogo que se está tolerando em Coimbra, por incuria das autoridades.

M. B.

NOTICIARIO

Rogamos aos nossos assignantes residentes nas localidades onde não podemos fazer cobrança pelo correio, a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas.

européus obedece momentaneamente a duas correntes. Uma, a que arrastou n'outro tempo a Europa inteira, exerce-se hoje sómente nos estados do centro e de leste, em que se está completando a concentração das nacionalidades e a partilha dos territorios, e em que as competições das dynastias reinantes podem ainda originar conflictos entre os soberanos. A outra colloca os estados do Occidente em rivalidade no campo economico. Aqui já não são os reis que luctam; são os povos que interveem directamente.

A politica dos Estados que poderíamos chamar dynasticos em razão da influencia sempre preponderante dos monarchas que os governam, é assaz conhecida para que tenhamos de insistir sobre ella. A diplomacia com o seu rotinismo e rabulices ainda terá por muito tempo de exercer a sua habilidade em questões que dividem mais os so-

beranos do que dividem os povos. Os Hohenzollerns expulsem os Habsburgos da Alemanha, ou estes disputem aos Romanoffs a tutela dos pequenos principes do Oriente, que se façam ou desfaçam alianças ao sabor dos interesses d'um dia, que rebentem guerras para maior gloria dos partidos militares, que não haverá n'isso nenhum extraordinario que a historia dos nossos paizes não nos tenha apresentado. As relações dos chefes dos tres imperios não differera sensivelmente das que uniam nos ultimos seculos os reis de França, de Inglaterra e de Hespanha, os principes da Alemanha e de Italia.

Diferente é o caracter da politica das nações occidentaes da Europa. Aqui, os governos constitucionaes ou republicanos, são obrigados a contar com a opinião publica. Os povos organizados nos limites naturaes ou historicos da sua força d'expansão, em vez de sobo-

ranos que procurem engrandecer o seu poder; por toda a parte uma rivalidade benéfica para estimular os esforços do trabalho e assegurar-lhe mercados, em vez de questinuculas sobre conquistas de territorios. O individuo, emancipado de toda a compressão social e material, limitado a cumprir as obrigações que o regimen de liberdade impõe a cada cidadão, entra em lucta com toda a sua energia para satisfazer as exigencias crescentes d'uma vida cada vez mais complexa. No caminho em que se lança, longe de lhe ser um socorro, a guerra só o pode martyrisar e paralisar. A paz universal será, sem duvida, sempre uma utopia; mas o campo economico tem a vastidão bastante para que seja explorado por muito tempo sem attrictos. De resto, a divisão do trabalho, essa grande lei que os biologos estabeleceram primeiro para o organismo humano, torna-se cada vez mais, ao passo

que se complica, a base definida do organismo social. A facilidade e rapidez dos comboios, a liberdade do commercio, asseguram ao consummo os productos que lhe são necessarios; cada paiz, certo de encontrar no exterior as materias que o seu solo ou a sua industria lhe não podem dar, dedica-se a desenvolver o que é compatível com o clima, os recursos do seu territorio e o genio dos seus habitantes. Esta divisão do trabalho e da produção, trazendo a fusão e a identidade dos interesses, estabelecerá entre os povos uma solidariedade muito mais indissolúvel do que as alianças politicas, e que ha de diminuir em forte proporção as causas de conflictos. Chegando esse momento, que pode fazer a diplomacia com as suas tradições, os seus processos, as suas tendencias, para regular relações d'interesses puramente economicas? As questões que surgissem resolvem-se to-

das em questões de negocios que necessitam o concurso de homens especiaes, d'uma competencia provada em cada ponto a debater; as convenções que d'ahi resultam, tratados de commercio, postaes, etc., são simples contractos que compromettem as partes e se não podem quebrar como se quebram as alianças dos soberanos.

A politica exterior dos Estados economicos não tem a menor analogia com a dos Estados dynasticos. Ou considere os primeiros, ou considere os segundos, a França deve seguir uma conducta differente da que tem seguido até hoje.

FERNAND MAURICE.

Aquelles a quem, por intermedio do correio, apresentamos os recibos, pedimos igualmente o obsequio de os satisfazerem.

A todos esperamos dever essa prova de cavalheirismo.

Só por um imperdoavel descuido não agradeceremos ainda ao nosso presado collega da *Officina* as palavras amabilissimas que nos dirigiu. Nem por vir tarde, deixa o nosso agradecimento de ser menos caloroso, apesar de o patenteamos em termos concisos.

Surprehendeu-nos dolorosamente a noticia da morte do nosso bom amigo Augusto Pinto do Reis Canedo, proprietario da typographia Commercio e Industria, do Porto.

Uma affecção cardiaca arrempessou-o ao tumulo pelas cinco horas da tarde de sabbado da outra semana. Constituição robusta, na pujança da vida, o nosso amigo parecia illudir a perseguição da enfermidade que o minava, acabando por o matar de subito.

Reis Canedo era um trabalhador incançavel; essa qualidade, hafejada pela fortuna, ao passo que tornava o seu estabelecimento typographico um dos mais florentes do Porto, fazia prevenir-lhe um futuro que lhe compensasse na decrepitude as asperezas do seu labutar actual.

Bom cidadão, bom esposo e bom amigo, é o mais que se pôde dizer d'um homem obscuro que pelo esforço proprio conseguiu atravessar de fronte erguida o lapso da sua existencia.

Enviamos o mais profundo peizame a toda a familia do infeliz moço e nosso bom amigo.

CONVITE

Tendo de resar-se na segunda feira, 4 de fevereiro, na igreja da Apresentação, d'esta cidade, e pelas 9 horas da manhã, uma missa pela alma do seu chorado amigo e lealissimo camarada Augusto Pinto dos Reis Canedo, pedem os empregados do jornal *O Campeão das Províncias* e alguns amigos do finado a assistencia áquelle acto religioso das pessoas de quem forem mercedores d'esta fineza, e a quem desde já agradecem.

Pedimos á camara que repare quanto antes, pelo mau estado da rua das Olarias. Aquillo não é caminho, é já um pantano onde as rãs encontram guarida conveniente.

E' da maxima necessidade que a camara mande concertar aquella via e ordenar mesmo certa vigilancia para que reparada aos primeiros estragos, ella se não transforme n'um lameiro medonho, tal qual se encontra hoje.

Procedeu-se ha dias ao estudo do lançamento da ponte que deve ligar a praia da Costa Nova com a Gafanha. Este importantissimo melhoramento que vae influir sobremaneira na vida d'aquella praia, reclama consequentemente um ramal que ligue por sua vez a ponte com a estrada marginal. Dizemos até ser este uma parte componente d'aquelle.

Correspondidas assim Aveiro e a Costa Nova, esta praia adquirirá o vigor que ia perdendo pela concorrência da Barra.

Diz-se que em consequencia da attitudie hostil das cidades de Braga e Guimarães, o regimento de cavallaria 10 está de prevenção, e que por igual motivo fóra chamada a diligencia que se achava em Ovar, sendo rendida por um contingente do 23, e ha dias ordenada revista em ordem de marcha a todo o regimento.

Porque foi ordenada ao infante D. Augusto a inspecção dos regimentos de cavallaria 9, que es-

tá em Alcobaça, e 10, que se acha n'esta cidade, teremos em breve a visita do irmão do sr. D. Luiz de Bragança.

Quem nunca viu aquella vergonteia bragantina, vae extasiar-se ante o alambazado exemplar humano. O Zé ficaria embasbacado principalmente se D. Augusto não encobrisse á vista dos profanos a rotunda e incomparavel saliencia que lhe estanceia na base da espinha dorsal.

Esteve entre nós o sr. visconde de Moser, um dos mais intelligentes commerciantes da praça do Porto, que veio assistir á arrematação dos salvados do patacho noroeguez *Ammand Aall* que ha dias naufragou na barra d'esta cidade.

Continua a sair com a maxima regularidade *A Semana*, revista de sciencias, artes e letras collaborada por distinctos escriptores. O publico tem-lhe dispensado merecida cooperacão, o que é garantia sufficiente para dizer do valor do apreciavel hebdomadario. Nova como é no meio de tantas publicacões litterarias, a *Semana* conquistou já um lugar honroso, prevalecendo-se certamente para isso das brilhantes pennas que a illustram.

N'esta redacção recebem-se assignaturas para a supracitada revista.

No lugar do Bomsucesso e circumvisinhanças grassa ainda a variola de caracter bastante virulento. Dizem-nos que não tem sido muitos os casos fataes e que a molestia attaca indistinctamente menores, adolescentes e adultos.

O mallogrado clinico dr. José d'Almeida Soares de Lima e Bastos que se suicidou em Campolide, tem duas irmãs no recolhimento de Jezus, d'esta cidade, a quem ha muito estabeleceu uma pensão. A mãe do suicida falleceu no mesmo convento em que hoje se encontram as duas senhoras.

Em tempo o dr. Lima e Bastos quiz reunir toda a familia sob um unico tecto; mas não pôde conseguir que as suas duas irmãs abandonassem o mosteiro, o que lhe causou um profundo desgosto. Com o desenlace que nós tambem sinceramente lamentamos pretendeu-se ficar uma parcella do desvairamento que se produziu tão horrivel.

Uma carta dirigida pelo dr. Lima Bastos a seu filho e publicada pela *Soberania do Povo* faz luz sobre o infausto successo. Pedimos venia para a transcrever.

«Meu filho.

Estou arruinado!
No Rio já nada ha, que me pertença!

Abandona immediatamente Portugal (logo que poderes) e vae para o Rio de Janeiro. Apresenta-te ao teu padrinho, o Conde de S. Salvador de Mathosinhos. Elle os protegerá.

A honra e o trabalho fazem prodigios. Engrandeceram teu Pae, podem tambem engrandecer o filho.

N'esta redacção compram-se os exemplares do n.º 187 do *Povo de Aveiro*.

Nós que tambem acompanhámos todas as phases do imaginario crime de Leiria, reproduzindo o que outros jornaes tambem publicavam sobre o acontecimento, cumprimos um dever hoje, já que o espaço não nol-o permittiu em o n.º passado, rectificando o de que nos fizemos simplesmente ecco.

Os nossos leitores devem saber, porque quasi toda a imprensa se tem occupado d'isso, que o brasileiro que se dizia ter sido assassinado no hotel Rey, da cidade de Leiria, appareceu final-

mente, ficando portanto plenamente justificado o proprietario d'aquelle estabelecimento, accusado d'um delicto supposto.

Não restando duvida sobre a lentidade do brasileiro, que se apressou a salvar um innocente quando soube do celebre processo crime em que elle figurava como assassinado, ha os depoimentos das testemunhas, depoimentos terriveis, verdadeiramente recambolcosos que arramessariam os accusados para as cellulas da Penitenciaria ou para os sertões da Africa se por um accidente qualquer o brasileiro não mais apparecesse, como esteve prestes a succeder quando elle tentou suicidar-se!

Os depoimentos de duas testemunhas correram mundo nas columnas dos jornaes. E a impressão que elles cauzaram no espirito publico devia ser profunda para que fossem já olvidados.

Que castigo destinará a justiça a esses malvados que não hesitarão em pintar scenas horrosas d'um crime que não existiu? As penas cominadas aos perjuras pelo codigo penal não tem severidade bastante para castigar um crime d'esta natureza. E' possível que essas testemunhas fossem victimas alliciadas por algum interessado na condemnação do hospedeiro, mas nem por isso o seu crime desceu em gravidade.

E' necessario, é mesmo indispensavel uma licção condigna á affronta feita á moralidade e aos innocentes accusados. Quem os compensará das attribucões, das perdas moraes e materiaes que lhes accarretou um processo lugubre em que se viram envolvidos— processo immensamente aggravado pelos depoimentos das testemunhas?

Aos nossos correligionarios que ainda não gosam o direito de votar e se acham ao abrigo da lei eleitoral avisamos que termina no dia 14 do proximo mez o prazo para requerer que os seus nomes sejam inscriptos nos respectivos cadernos.

Quem preza os seus direitos politicos, não deve perder o ensejo de os utilizar o mais breve possível.

Damos em seguida as formulas para qualquer cidadão requerer a sua inscripcão no recenseamento politico.

Começa-se o requerimento com o seguinte addresso:— Ex.º Sr. Presidente da Commissão recenseadora do Concelho de (o respectivo.)

Requerimento por saber ler e escrever

F. . . , filho de F. . . e F. . . , (estado) (profissão) morador . . . , freguezia de . . . , como faz certo com a presente petição toda escripta e assignada pelo seu proprio punho e como tal devidamente reconhecida, usando da faculdade que lhe concede o art. 1.º da lei de 8 de maio de 1878, requer para a inclusão do seu nome no recenseamento a que se vae proceder.

Assim espera lhe defiram.

E. R. M.

Este requerimento deve ser reconhecido pelo tabellião na presença do requerente e de duas testemunhas cujos signaes serão tambem reconhecidos.

Requerimento por ser chefe de familia

F. . . , filho de F. . . e F. . . , maior de . . . annos (estado) (profissão) morador . . . freguezia de . . . vivendo ha mais de um anno em commum com FF. . . e sendo além d'isso o supplicante quem provê aos encargos de sua referida familia, pretende usar da faculdade que lhe concede o art. 1.º da lei de 8 de maio de 1878, para ser incluído no recenseamento a que se vae proceder.

N'estes termos requer se lhe defira.

E. R. M.

N'este requerimento deve declarar-se os nomes das pessoas com quem vive ou que sustenta e o grau de parentesco (pae ou filhos, irmão, tio ou sobrinho). Sendo casado basta dizer simplesmente que é casado com F. . .

Este requerimento deve ser reconhecido pelo tabellião e acompanhado de um attestado do regedor e do parochio, bem como a certidão de idade.

Requerimento por ser collectado em contribuição directa não inferior a 1\$000 réis.

F. . . , filho de F. . . e F. . . , maior de . . . annos (estado) (profissão) morador . . . freguezia de . . . tendo sido collectado no lançamento immediatamente anterior na quantia de réis . . . como prova com os documentos juntos, pretende usar da faculdade que lhe concede o art. 2.º da lei eleitoral de 23 de novembro de 1859 e art. 6.º § 2.º do decreto de 30 de setembro de 1852, para ser incluído no recenseamento a que se vae proceder.

N'estes termos requer se lhe defira.

E. R. M.

Este requerimento deve ser reconhecido pelo tabellião e acompanhado do ultimo recibo de decima, e na falta d'este, do aviso recebido, bem como a certidão de idade.

Observações geraes

E' preciso ter 21 annos completos, salvo se for casado, official do exercito ou armada, ou tendo um curso completo do Liceu do Reino; n'este caso basta ter 18 annos, juntando certidão de idade.

O requerimento deve ser entregue, antes do dia 14 de fevereiro, ao presidente da commissão do recenseamento do concelho onde residir o requerente.

Verificou-se na Feliteira, Torres Vedras, no dia 18, o primeiro casamento civil.

Os nubentes foram os srs. Augusto Ignacio Correia Torres e D. Germaña Amelia Correia Lopes, filha de sr. José Norberto Correia Lopes. Para presidir ao acto e lavrar o competente registro foi d'aquella villa o sr. administrador do concelho acompanhado do seu secretario.

Assistiram, alem dos parentes dos nubentes, varios cavalheiros das suas relações, que serviram de testemunhas, entre outros, os srs. José Carlos Palyart de Clamouse, José Candido da Costa, Francisco de Assis Boaventura, Joaquim Luiz da Silva, Sebastião Manuel Ferreira, e José Luiz da Silva.

O nosso estimado collega, do Fayal, *O Democrata*, entrou no segundo anno da sua publicação.

Por isso, cumprimentámo-lo sinceramente.

Na igreja matriz d'Avanca deu-se ha dias um grande conflicto, chegando a correr sangue. A desordem foi motivada por cauza da armação d'um funeral, isto é, uma questão d'interesses pleiteada a soco dentro d'um templo, sem que apparecesse um Christo para enxotar os vendilhões.

O regedor da freguezia foi um dos protagonistas no espectáculo.

Outro escandalo n'um templo. Em Barcellos dois jesuitas baratojanos trazem a pobre gente d'aquella villa n'um estado lastimoso de fanatismo.

Na segunda feira ultima era tão grande a multidão na igreja da collegiada para assistir á predica que o beaterio desatou em reciproca e valente bordoadas, desenvolvendo-se um tumulto enorme, edificante.

A auctoridade administrativa concedeu gostosamente licença para a exhibição do entremez que descambou para drama.

Uma parte sensata e illustrada

da população barcellense, com protesto contra a corja que leva a toda a parte a desordem, o desasocego e as trevas, resolveu pôr em scena os *Lazaristas*.

Estámos a ver que o sr. administrador do concelho lhe nega licença para isso.

Estão a concurso as seguintes cadeiras:

Barreiro—elementar e complementar para o sexo masculino, da freguezia de Santa Cruz, ordenado 180\$000 réis e gratificações legais.

Barcellos—elementar, sexo masculino, na freguezia de Silveiras, 100\$000 réis de ordenado.

Condeixa—elementar, do sexo masculino, na freguezia d'Ega, ordenado 100\$000 réis e gratificações.

Setubal—elementar e complementar, do sexo feminino, ordenado 480\$000 réis.

Ilhanha-a-Nova—elementar, do sexo masculino, freguezia de Penha Garcia, ordenado 100\$000 rs.

Odemira—elementar, do sexo feminino, freguezia de S. Teotónio, ordenado 100\$000 réis.

Macieira de Cambra—elementar, do sexo feminino, ordenado 120\$000 réis e gratificações.

No concelho de Ceia, a cadeira de ensino primario elementar do sexo masculino da freguezia de S. Thiago, com o ordenado de 100\$000 réis.

No de Castro Daire, as cadeiras elementares do sexo masculino na freguezia de Gabil, e do feminino na povoação de Coura, freguezia do Molledo, com o ordenado annual de 100\$000 réis cada uma.

No de Foscõa, a cadeira de ensino elementar do sexo feminino da freguezia de Cedovim, com o ordenado annual de 100\$ réis.

No de Montemor o Novo, as cadeiras de ensino elementar do sexo masculino e feminino da aldeia de S. Thiago do Escoural, com o ordenado annual 120\$000 réis cada uma.

Dizem de Portel ao *Conimbricense*:

«Podê dizer ao *Amigo das andorinhas* que ellas já chegaram á esta villa no dia 5 do corrente, albergando-se em casa do ex.º sr. José Toscano Limpo de Vasconcellos, onde costumam crear todos os annos. Não ha lembrança de virem tão cedo.»

Segundo noticia a *Gazeta Militar*, o sr. ministro da guerra deferiu o requerimento dos mestres das bandas militares, sollicitando auctorisação para usarem dolman como os officiaes do exercito.

A nossa exportação de vinho, não obstante as torpes falsificações, continua a ser feita em larga escala. N'estes ultimos dias, segundo dizem da capital, tem entrado no Tejo cinco vapores carregados de cascos vasioes e tem saído outros carregados de vinho.

Quando o vapor *Funchal* seguia a meia travessia da Madeira para Lisboa, na viagem passada, manifestou-se um incendio n'uma porção de comida para gado, que existia no porão proximo á escotilha.

O commandante mandou parar immediatamente o vapor e procedeu á extincção do incendio, por forma que não só não houve prejuizos, como tambem os passageiros nem deram pelo sinistro.

Lemos n'um jornal que a camara de Villa Franca de Xira, approvou e votou por unanimidade a verba de 150\$000 réis para exequias por alma de D. Fernando, tendo aliás muitas dividas por solver.

Esta está a altura das coisas da monarchia.

O Diário Illustrado, transcreve do jornal francez Le Petit Girondo, o seguinte annuncio: «Langue Portugaise» — José Lopes Pessoa, professeur, II, rue Jouannet, demande élèves. Conditions raisonnables. Será possível?

Em Silveiras, concelho de Pando, deu-se ha mezes um caso notavel, que merece ser estudado pelos homens da sciencia.

Um homem do povo, no excesso d'uma violenta dor, quiz pôr termo á existencia, esfaqueando-se.

N'este intuito cravou uma navalha de ponta e mola na barriga, sahindo-lhe immediatamente para fora uma parte do intestino. Abandonado a si proprio e ainda incitado pelas dores cortou com a mesma navalha a parte do intestino que ficara pendente e já quasi dilacerada pelo golpe.

Apesar d'haverem decorrido já 10 mezes, não morreu ainda e vive regularmente.

As dejectões deixaram de ser feitas pela via ordinaria, e o selvagem está muito contente com o anus artificial que abriu por suas proprias mãos, porque os excrementos sahem pela abertura que fez com a romba navalha.

Hoje, por excesso de commodidade, tem uma almofada com que tapa o batoque da pansa.

CONTRA A DEBILIDADE

Recomendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorizados.

Um pobre pastor de Medina del Campo, cahiu doente n'um qualquer ponto da montanha e a custo se pôde arrastar até debaixo d'uma arvore onde ficou inerte, exposto á inclemencia do frio e ao mais completo abandono.

O cão que o acompanhava desapareceu ao cair da tarde, introduziu-se na guarita de um guarda da via ferrea, e abocou uma manta que arrastou com elle até ao lugar onde o dono se achava prostrado. Depois voltou ao povoado soltando lastimosos latidos, até que conseguiu que o acompanhassem e salvassem o pobre enfermo dos perigos de uma noite d'inverno.

Lê-se na Gazeta da Tarde, do Rio de Janeiro:

Uma das scenas de sangue mais horrosas de que temos noticia teve lugar sabbado passado no Rio Bonito, provincia do Rio de Janeiro.

Raphael de tal, rapaz de 20 e tantos annos, apaixonou-se pela esposa do sr. Antonio Pinto Ribeiro e procurou sempre seduzil-a, a principio por meios brandos e por ultimo, pela brutalidade da força.

Sabbado á tarde, o sr. Pinto recolheu-se a casa de volta do trabalho e, convidando a esposa para ir ao circo e tendo ella accedido, sahiu para fazer umas compras.

Ao anoitecer, quando a senhora banhava-se em um aposento da casa, em companhia de uma filha de 12 annos, viu rapidamente abrir-se a janella do quarto e um vulto escalar-a de um só pulo. Aos gritos de socorro saltados pela senhora, a pessoa que saltara no aposento, e que não era outro senão Raphael, vouou para ella, intimou-a a calar-se e travou lucta, procurando violental-a ou á pobre creança.

Foi desesperada a resistencia opposta á lubricidade de Raphael, pois que acima do proprio pudor, estava á honra de sua filha, que a infeliz procurava defender.

Por fim, desesperado da opposição sobre humana, quasi impossivel para as forças de uma mulher, Raphael, vibrando uma foice que trazia, de um só golpe, decepou a cabeça da desgraçada

senhora. Depois, erguendo de novo a arma homicida, novamente brandiu-a contra a pobre criança, dando-lhe um fardo golpe nas costas, ferimento este gravissimo que fez-a cahir sem sentidos.

E, com a mão esquerda segurando a cabeça de D. Maria Ribeiro, e com a direita o instrumento do crime, sahiu de casa, e encaminhou-se para um capoeirão proximo.

Antes de ahí chegar, foi-lhe encontrado um filho da desgraçada senhora, e Raphael, não se tendo saciado no sangue indefeso que derramara, desfechou no pobre moço uma foçada, que quasi decepou-lhe o braço esquerdo pela região da clavícula.

Depois de ter atirado para dentro do capoeirão a cabeça da inditosa victima da sua lubricidade, elle fugiu.

Hoitem, finalmente, a policia que se pôz immediatamente no encalço do criminoso, conseguiu prendel-o, depois de tenaz resistencia que oppoz.

Os jornaes americanos comprehendem-nos ás vezes com noticias de acontecimentos que só occorrem na America.

Na ultima guerra dos Estados Unidos da America, Carlos S. Kingsley, de Mansfield (Pensilvania), soldado da União, ficou tão gravemente ferido na cabeça, que se tornou preciso arranjar-lha com algumas chapas de prata.

Enlouqueceu e foi enviado para o hospital de alienados de Washington. Ao cabo de vinte annos, ou melhor, ha apenas alguns dias, em quanto lhe arranjavam uma das chapas que se tinha descolado, Kingsley recobrou inesperadamente a razão. Não conserva memoria do que occorreu desde o momento em que foi ferido no campo da batalha.

Foi restituído á liberdade, tratando-se agora de lhe restituir 20.000 dollars a que tem direito pelos seus soldos atrasados. Alem d'isto deverá receber mais 73 dollars mensaes até ao resto dos seus dias.

Si non è vero è ben trovato, commenta o jornal d'onde extrahimos esta noticia.

A maior typographia do Universo é a de Whasington. Tem setenta prelos movidos a vapor que tiram a 12 a 15 mil jornaes por hora.

Compõe-se o seu pessoal de 1308 homens e 600 mulheres.

Um amigo de curiosidades occupou-se em averiguar quaes são as linguas mais falladas no mundo. O chinez é fallado por 400 milhões de pessoas na Asia. A lingua india por 200 milhões de pessoas. O inglez por 100 milhões de pessoas, a metade das quaes estão nos Estados Unidos. O russo por 100 milhões. O allemão por 60 milhões, sendo 56 na Europa. O francez por 49 milhões de pessoas. O hespanhol por 68 milhões, sendo 45 na America e 5 na Asia. O italiano é fallado por 30 milhões de pessoas.

JOSÉ EDUARDO MOURÃO & IRMÃO convidam os seus amigos e freguezes e Ex. freguezes, o visitarem o seu estabelecimento de ourivesaria, na rua de José Estevam, onde encontrarão um variadissimo e mimoso sortido de objectos d'ouro e prata, proprios da estação e ultima novidade no paiz.

Os «MILHÕES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze».

1.ª parte — O Incendiario. 2.ª parte — O grande industrial. 3.ª parte — A luz da verdade. Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 réis — 50 réis semanaes.

Brindes a cada assignante: 100.000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.ª Lisboa.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importância de 5 fasciculos. A casa editora garante a todos os

O incangavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MOR DE VIDLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dois volumes in 8.º e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 réis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importância de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso — 4 e 0 — PORTO.

Acha-se bastante adiantada a publicação dos «MISERAVEIS», de Victor Hugo, esplendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas, compradas ao editor parisiense Eugène Hugues.

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega. Indivíduos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6 — Porto.

A Bibliotheca do Cura d'Aldeia, que editou o interessante romance «OS PREDESTINADOS» acaba de ultimar o terceiro volume d'esta obra.

Preço de cada volume 500 réis. Para os srs. assignantes 450 réis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte. Em Aveiro assigna-se na Livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

BIBLIOGRAPHIA

A Semana. — Saú já o n.º 6 d'esta publicação — revista de sciencia, litteratura e arts, dirigida pelo nosso amigo Alberto Bessa.

Os pedidos d'assignatura devem ser dirigidos ao administrador José Francisco Gomes da Veiga, rua de Santa Catharina, 251 — Porto.

O Pastelleiro de Madrigal. — Recebemos o fasciculo n.º 14. E' editora a Empresa Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 48.

Os milhões do criminoso. — Recebemos o fasciculo 7 d'este esplendido romance editado pela empresa Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26 — Lisboa.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 27 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar — Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

ANNUNCIOS

CAZA

ALUGA-SE uma, em bello local, com commodidades para duas familias.

Quem quizer, falle com a Viuva Fontes Pereira de Mello.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacias Moura, emplhavo, João C. Gomes. Depósito geral, Itharmacia Mata, Oliveira do Bairro.

QUEM pretender comprar a obra completa dos MISERAVEIS, ainda em muito bom estado, póde procurar na rua do Gravito, n.º 40.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado, pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na Pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellhos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Depósito em Aveiro na Pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproprita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas; de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na Pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellhos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883. DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

OFFICINA DE SERRALHERIA

AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, câmas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 réis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de José Estevam, 9—7

(Pegado á Cixa Economica)

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: e' muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debolis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescencia de todas as doencas aonde e' preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debolis, toma-se colher das de sopa de cada vez, e para os adultos, duas colheres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, e um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes, para o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e esnechido «elle», toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contraffacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellhos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes Pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

Depósito em Aveiro na Pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA SEM RIVAL

Superior a quantas até hoje têm apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE

C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa. Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Depósito em todos os estabelecimentos de mercaderia e outros do Porto. Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricanets.